
A Negação

Rafaela Marques-Rafael¹

Os professores Karl Schurster, Michel Gherman e Óscar Ferreiro-Vázquez - pesquisadores renomados cujas linhas de investigação são afins ao Antissemitismo, Holocausto, Paratradução, dentre outros, e ao uso da construção discursiva da linguagem em suas diferentes tipologias em torno desses episódios - organizaram um livro que apresenta capítulos seus e de outros cientistas que trazem à baila reflexões inerentes à presença do fascismo e de suas reverberações na sociedade dos dias de hoje.

Para o cientista político - Chip Berlet -:

[...] o fascismo é uma corrente política complexa que parasita outras ideologias, possui muitas tensões internas e contradições e possui um aspecto camaleônico que se apropria de símbolos históricos, ícones, slogans, tradições, mitos e heróis da sociedade que deseja mobilizar. (POLITICAL RESEARCH ASSOCIATES, 2016, tradução nossa).

O movimento fascista teve seu início na Itália em 1910 e alçou voos a diferentes espaços, com o intuito de impor seus ideais: totalitarismo/autoritarismo, nacionalismo e antiliberalismo. A respeito de sua postura “camaleônica”, podemos considerar que seja em função de suas multifaces, visto que começou na Itália de Mussolini, alastrou-se para a Alemanha de Hitler sob o nome de Nazismo e, inclusive, chegou à América Latina com a denominação de Ditadura civil-militar. A cada novo território onde içava, moldava-se às inquietações e demandas para se ancorar, “justificar sua presença” e manter sua essência, suscitar-se em um momento de tensão/conflicto, crise e salvaguardar a premissa de manutenção dos interesses econômicos camuflada pelo discurso de afastar a aproximação ou a instalação de regimes como o socialismo e o comunismo, aos quais foi atribuída toda uma gama de malefícios, uma vez que colocam em xeque a sustentação dos ideais fascistas. Apesar de haver um posicionamento discursivo em favor dos interesses coletivos da população, trata-se de um movimento que predica pelos anseios de uma oligarquia e que traz em seu cerne um passado de muitas atrocidades, de pânico, de temor e de genocídio, vide exemplo, o Holocausto.

A NEGAÇÃO
MARQUES-RAFAEL, R.

A leitura da obra em tela nos proporciona uma viagem no tempo, passando pelos períodos das duas grandes guerras e pelo meio/fim do século XX com os regimes totalitários que perpassaram a América Latina, até retornarmos ao presente, especificamente aos momentos referendados no livro, anos antes da eleição do então presidente da República do Brasil, chegando nos nossos dias. Doravante, é possível suster que o saldo da atuação do regime fascista no século XX não é muito positivo se nos ativermos a toda memória dos acontecimentos que está documentada através de textos históricos baseados no testemunho dos viventes e sobreviventes. Assim, todo esse trauma gerado pelas intervenções teve consequências, de um lado muito desfavoráveis ao movimento, enquanto de outro, foi/vem sendo arquitetada uma mobilização na direção de manipulação do ocorrido com o intuito de “enterrar/maquiar” essa face sombria do sistema e reaver a “confiança” do maior contingente populacional possível. E é sobre isso que cada um dos 10 capítulos que conformam a obra vai se ocupar: do rearranjo fascista no tempo presente, elucidando quais são os subterfúgios utilizados pelo regime para (re) aparecer, readaptar-se à realidade que ora se nos manifesta e recuperar sua presença que, ainda de maneira “sorradeira”, sempre foi onipresença.

No despontar da obra, em sua introdução, seu autor - Luís Alberto Marques Alves -ratifica que para que tenhamos um futuro adverso ao nosso presente - caracterizado por «*afastamento, individualismo egocêntrico, choque permanente e incompreensão*» -, e construamos uma *memória projetiva*, de acordo com Walter Benjamin, em detrimento de uma memória seletiva, é preciso «partilhar» e «contextualizar» o passado. Para isso, é imprescindível o combate à presença fascista que nos cerca, o negacionismo. Trata-se, pois, de um embate ideológico entre o não pensamento e o pensamento científico construído sob o rigor das pesquisas acadêmicas. A responsabilidade primeira de conter a propagação dessas ideias é dos historiadores, que devem, através de uma perspectiva interdisciplinar, trabalhar sob o viés de uma abordagem «*crítica e inovadora*», de modo a satisfazer as urgências didático-pedagógicas do tempo presente. Ademais, propiciar que seus ensinamentos circulem pelos diferentes ambientes sociais a partir das variadas formas de linguagens disponíveis.

Os mecanismos utilizados para desconstrução da informação e sua consequência direta na compreensão do mundo pelos indivíduos é o que vamos encontrar no capítulo inicial dos organizadores, «*(Para)traduzir a negação, as teorias da conspiração e o antisemitismo*». O grande pilar para a consumação da ressignificação da narrativa histórica pelos grupos de extrema-

A NEGAÇÃO
MARQUES-RAFAEL, R.

direita é o negacionismo, através das teorias conspiracionistas, que invadem não só todo o ciberespaço, como também se valem das diferentes tipologias de linguagem para «normalizar» os acontecimentos. Tomemos como exemplo para ilustrar essa intenção fascista as duas imagens que são mencionadas: *Pepe the Frog* e *Happy Merchant* de Matt Furie e Nick Bougas, respectivamente. Através de análise embasada nos pressupostos teóricos – empírico, social e discursivo - da paratradução – noção criada na Universidade de Vigo (UVigo – Espanha), que se erige como um instrumento de análise solvente capaz de oferecer respostas tradutológicas a situações muito diversas -; os autores nos demonstram as manipulações pelas quais as imagens passam. Ou seja, aproveitaram-se da popularidade dos referidos memes, por motivos outros, e da efervescência do discurso fascista para paratraduzi-los e outorgar-lhes a condição de símbolos do negacionismo e do antissemitismo.

Francisco Carlos Teixeira Da Silva e Karl Schurster, na contribuição intitulada «*Esquecimento, revisionismo e negacionismo: o assassinato da história*», trazem à baila a urgência de um debate multidisciplinar dos fascismos históricos e contemporâneos e do reconhecimento da importância do passado. Em atenção com estudiosos como Beatriz Sarlo (2007) e Márcio Seligmann-Silva (2000), os autores defendem que um dos efeitos causados pelos traumas vividos na experiência de catástrofe é a negação, utilizada como forma de amenizar os impactos psicológicos e físicos que o ser revive toda vez que rememora o evento. No entanto, o negacionismo acompanhado do esquecimento acabam por construir uma atmosfera favorável à ressurgência do fascismo, pois há uma apropriação dessa debilidade das principais fontes de (re) construção da história para suavizar seus feitos a fim de alcançar seus propósitos, ou seja, estabelecem o revisionismo histórico e o relativismo temporal. Assim, é enfatizada a relevância do estudo do passado, afinal somos frutos dele e está vinculado com nossa constituição como ser humano. Contudo, urge atentar à narrativa que se almeja construir de acordo com a perspectiva dicotômica: passado elaborado – o «*Durcharbeiten*»–, compreendido e com aproveitamento das lições que podem ser usufruídas; e passado traumático – envolto do trauma que incorre na negação da realidade.

Em «*A negação negacionista do Holocausto, suas metamorfoses e a ilusão de ótica*», Luís Edmundo de Souza Moraes recupera o conceito de negacionismo – utilizado como dispositivo de negação do Holocausto -, e apresenta suas metamorfoses, a *negação negacionista do Holocausto* e a *negação não negacionista do Holocausto*. Segundo o autor, trata-se de uma *dupla fraude*, uma

A NEGAÇÃO
MARQUES-RAFAEL, R.

tentativa de falsificar o passado, negar seus eventos e falsificar as credenciais que o referenciam. Essas transmutações consistem em estratégias discursivo-textuais com o fim de alcançar o objetivo – negar o Holocausto – em diversos momentos da história, de acordo com os *elementos dominantes*: escritos de testemunho, científico ou técnico e historiográfico. Outrossim, o grau de legitimidade conferido ao fenômeno se deve a sua plasticidade arbitrária que conduz à ilusão de ótica.

Uma outra faceta do negacionismo – o revisionismo - é sobre o que vai tratar Marcos Napolitano no capítulo «*Revisionismo, doença infantil do negacionismo?*». De acordo com Napolitano, autores revisionistas se baseiam em trabalhos historiográficos reconhecidos e chancelados – *revisão historiográfica* -, escolhendo trechos/afirmações descontextualizados, para embasar os argumentos das teses por eles propostas – *revisionismo ideológico* -, sendo estas usadas e amplamente divulgadas/potencializadas em redes sociais e outras diversas plataformas digitais, gerando prejuízos para a cultura histórica e privilegiando o discurso negacionista.

Em diálogo com o escrito anterior, Michel Erlich, no capítulo «*Nazismo de esquerda? Considerações sobre o revisionismo ideológico sobre o nazismo no Brasil contemporâneo*», segue com o tema do revisionismo ideológico, imprimindo a concepção ideológica de que o nazismo seria um movimento de esquerda. Posicionamento esse implantado pelo neoliberalismo e sua necessidade de usar dispositivos conservadores autoritários para conter o «*excesso de democracia*». O propósito do texto é desmistificar tal assertiva através da exploração/refutação de diversos tópicos – embebidos de revisionismo ideológico -, na maioria das vezes sem embasamento acadêmico/científico, bem como faz a reflexão do uso dessa retórica nos momentos atuais pelo bolsonarismo.

A ruptura da comunidade judaica no Brasil, iniciada, especificamente, após uma palestra proferida pelo ainda candidato a presidente Jair Messias Bolsonaro, no começo de abril de 2017 no Clube Hebraica no Rio de Janeiro, é o assunto que será abordado por Michel Gherman e Gabriel Melo Mizrahi em «*A dupla negação dos judeus em tempos de Bolsonaro*». Segundo os autores, com o referido evento, os judeus passaram a ocupar o centro do debate político nacional, devido ao antagonismo de ideais ocasionado entre os «*de dentro*» – que começaram a flertar com o discurso bolsonarista – e os «*de fora*» do clube – que mantiveram o posicionamento contrário ao do então candidato à presidência. Esse movimento foi possível em função do revisionismo

A NEGAÇÃO
MARQUES-RAFAEL, R.

ideológico utilizado pelo palestrante, uma vez que construiu sua narrativa de modo a coadunar com os princípios judeus: valores do Ocidente, conservadorismo, nacionalismo, gerando assim o fenômeno aludido no título deste texto: a dupla negação dos judeus.

O capítulo «*Formas/fórmulas de negação e irresponsabilidade representacional: o caso Brasil Paralelo e o negacionismo histórico contemporâneo*», de Arthur Lima da Silva, traz à tona a indagação de como a Brasil Paralelo, empresa reconhecidamente negacionista, através de «*sutis artimanhas*» utilizadas em suas produções audiovisuais para «*divulgar representações francamente falsas sobre o pretérito*», tendo como base discursiva a negação e todas suas reverberações - dentre elas, o negacionismo histórico -, consegue obter lucros e apoiadores/espectadores. Segundo o autor, isso ocorre em função do momento contemporâneo de transição interior à «*racionalidade liberal*», pautado na «*destruição do regime democrático, da noção de bem comum e da ideia de coexistência humana*».

Janaina Christian Perrayon Lopes e Antônio Carlos Jucá de Sampaio, no capítulo intitulado «*Negamos o que nos constitui e escondemos o que não suportamos ver: o negacionismo da escravidão como estratégia de naturalização da violência, da exclusão, da exploração e da desigualdade social*», discorrem sobre os mecanismos responsáveis pela reiteração do trabalho escravo no mundo capitalista contemporâneo tanto no que se refere à maximização de lucros quanto à naturalização da violência, da exclusão, da exploração e da desigualdade social; sendo esses últimos quatro fatores considerados formas de negacionismo que corroboram para a pertinência de estruturas arcaicas.

No capítulo «*Negacionismo, revisionismo e discursos de ódio no tempo presente: a apropriação da narrativa sobre a memória do Holocausto pelo rock neofascista*», de Pedro Carvalho Oliveira, assinala-se que as ideias fascistas não desapareceram com o fim dos regimes totalitários, mas sim remodelaram-se. A nova roupagem do discurso fascista, o neofascismo, é marcada por um paradoxo- i. negar o Holocausto a fim de criminalizar o nazismo e fomentar o «*sionismo*» e ii. compreender o Holocausto «*como uma das maiores ações do nazismo contra seus inimigos*»; sendo utilizada de acordo com sua subserviência em diferentes contextos. Dentre as mais diversas formas, já mencionadas nos outros escritos deste livro, de reverberação dessas narrativas, neste texto, destacam-se as composições musicais do rock neofascista utilizadas em diversos países para ressignificar o regime nazista (revisionismo), bem como, sob o escudo de

A NEGAÇÃO
MARQUES-RAFAEL, R.

abordagens nacionalistas, recusar a ampliação de direitos democráticos a grupos minoritários, minimizar catástrofes e assassinatos, culpando as vítimas, ademais de referendar o discurso de ódio.

O fechamento desta publicação fica na responsabilidade de Natalia Pasternak com a contribuição intitulada «*Negacionismo da ciência e do Holocausto: estratégias e consequências*». A autora apresenta e explana as ferramentas utilizadas pelo negacionismo para distorcer a realidade com o objetivo de «*cumprir uma agenda ideológica, política e/ou econômica muitas vezes perversa*». Segundo ela, o negacionismo corresponde à fabricação de fatos, a uma dor ilegítima que se vale de recursos como «*distorção parcial, detalhe fora de contexto, alvo móvel e o falso debate*» para, através de uma mentira programada, enganar e manipular comportamentos, com o intuito de evitar, a qualquer custo, que a verdadeira face dos fatos seja exposta ao mundo.

A obra desperta muitas reflexões e é bastante esclarecedora no que concerne ao papel ao qual se dispõe: “desmistificar” o fascismo no tempo presente. Face a isso, deveria estar no hall das leituras obrigatórias das pessoas que habitam este universo dada a complexidade da situação e a emergência de esclarecimentos sobre o que se está vivendo. Ainda que o debate em questão não seja inovador, é sempre importante trazê-lo à tona em momentos como o de ora e retomar a discussão sobre a fragilidade do discurso histórico.

Nota

¹ Doutoranda do programa de Pós-graduação em Estudos da Tradução da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e do programa de Pós-graduação em Traducción y Paratraducción da Universidade de Vigo (UVigo). Professora de Português e Espanhol do Instituto Federal do Paraná – Campus Avançado Barracão.

Referências

LYONS, Matthew N.; BERLET, Chip. Populism as Core Element of Fascism. *Political Research Associates*, 2016. Disponível em: <https://politicalresearch.org/2016/12/21/populism-as-core-element-of-fascism#sthash.L6ZwkyJK.eLdArkCQ.dpbs>. Acesso em: 02 jul. 2022.

SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Tradução Rosa Freire d’Aguiar. – São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007.

SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel; FERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar. (org.) *Negacionismo: a construção social do fascismo no tempo presente*. Recife: EDUPE, 2022. 277 p. ISBN: 978-85-518-4198-3.

A NEGAÇÃO
MARQUES-RAFAEL, R.

SELIGMANN-SILVA, Márcio. A história como trauma. *In*: SELIGMANN-SILVA, Márcio; NES-TROVSKI, Arthur (org.). *Catástrofe e representação*. São Paulo: Escuta, 2000. p. 73-98.

SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel; FERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar. (Para)traduzir a negação, as teorias da conspiração e o antissemitismo. *In* SCHURSTER, Karl; GHERMAN, Michel; FERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar (ed.) *Negacionismo: a construção social do fascismo no tempo presente*. pp-19-32. Recife: EDUPE, 2022. ISBN: 978-85-518-4198-3.

SCHURSTER, Karl; FERREIRO VÁZQUEZ, Óscar. (no prelo). Images du mal, représentation et paratraduction: les limites du traduire. Yuste Frías, José (ed.). Paratraducción [Número especial] *Meta. Journal des traducteurs / Translators' Journal*. v. 67, n.3. ISSN: 0026-0452.

SCHURSTER, Karl; FERREIRO-VÁZQUEZ, Óscar. En los márgenes del texto, el paratexto: la paratraducción y las «nuevas derechas» en el Tiempo Presente. *In*: MÉNDEZ GONZÁLEZ, Ramón; BOURGOIN-VERGONDY, Emmanuel-Claude (ed.) *Traducción & Paratraducción II. Líneas de investigación*, Berlín: Peter Lang, 2022. (Coleção Studien zur romanischen Sprachwissenschaft und interkulturellen Kommunikation - «Estudios sobre lenguas románicas y comunicación intercultural») dirigida por Gerd Wotjak, José Juan Batista Rodríguez y Dolores García-Padrón. ISBN 978-3-631-80810-8.